



A Dança dos Deuses
— *Futebol, Sociedade, Cultura*, de Hilário
Franco Junior, São Paulo,
Companhia das Letras,
2007, 448p.

**JOSÉ SEBASTIÃO
WITTER** é professor
emérito da FFLCH-USP.



As
metáforas
do
futebol

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

parte do livro que, por ser temática, permite que os capítulos sejam lidos em qualquer ordem e sem seqüência. E com isso já compreendera, em parte, o grau de complexidade que a obra contém para qualquer leitor; mais ainda para quem deva emitir opiniões sobre um assunto que nasceu como mais um esporte e é, atualmente, um fenômeno social do mais intrigante significado.

Desde sua implantação no Brasil e por quase todo o primeiro quarto do século XX, o futebol, quando noticiado nos jornais, não ocupava uma coluna dentre outras manifestações esportivas. Hoje há cadernos especiais em todos os jornais diários e muitas revistas especializadas. E, além do mais, para mim, escrever sobre futebol é como que reencontrar a minha própria história ou quase começar a tecer um pouco da minha autobiografia. Afinal de contas, há mais de 60 anos, assisti à estréia de Leônidas da Silva no estádio do Pacaembu (eu era um dos tantos torcedores que compuseram a platéia, ainda recorde de público naquele estádio). Aliás, uma das eternas dúvidas que tenho é por que quase todos os estádios “encolheram” e, na atualidade, recebem menos gente que recebiam nas décadas de 40, 50, 60 e 70 do século XX. Verdadeiro mistério...

Hilário Franco Junior abordou essa paixão universal de forma bastante abrangente e corajosa. Fez opções, é verdade, mas sabia, desde sua propositura, o que pretendia e onde queria



futebol, que foi tabu a proibir casamentos de jovens casadouras, nos princípios do século XX, com jogadores de bola, hoje é tese acadêmica, assunto de papa da Igreja Católica (em sermões de domingo), capa de revistas semanais (com certa constância), e ocupa mais de 70% dos horários das redes de TV especializadas em esporte. E também das demais, em especial nos horários nobres, quando, no mínimo, mostram-se os gols de quase todos os campeonatos regionais, nacionais e internacionais.

Por tudo quanto o futebol significa e representa, imaginem a responsabilidade de fazer um artigo baseado no livro, recém-editado pela Companhia das Letras, de Hilário Franco Junior, *A Dança dos Deuses – Futebol, Sociedade, Cultura*. Fiquei num verdadeiro impasse... Primeiro porque a obra de Hilário cuida de uma das minhas paixões: o futebol. E ainda mais porque já havia lido alguns trechos da segunda

chegar. Seu livro já é, sem dúvida, obra de referência para todos os que queiram estudar a história nestes dois últimos séculos... Estou falando em estudar história e não somente história de um determinado esporte. O tema básico é o futebol, que é magia, que é esporte, que é inqualificável ou inexplicável se o pensarmos sob todas as facetas pelas quais possa ser analisado.

Vale lembrar sempre que “futebol é coisa séria”. Esta é uma frase muito usada e repetida em todos os meios onde ele seja assunto, central ou não. Quem a inventou? Quem a usou pela primeira vez? Pode ser até tema de mestrado ou doutorado, mas nunca se saberá com certeza. Pode-se atribuí-la a qualquer treinador ou “boleiro” do século passado, pois é coisa nascida nos campos de futebol e incorporada ao viver de todos os cidadãos, que gostem ou não do “jogo da bola”. E porque o futebol é, de fato, coisa séria que gostei demais da obra do premiado professor Hilário Franco Junior. O mestre tratou o futebol com toda a seriedade que ele merece. Quando resolveu dividir o livro

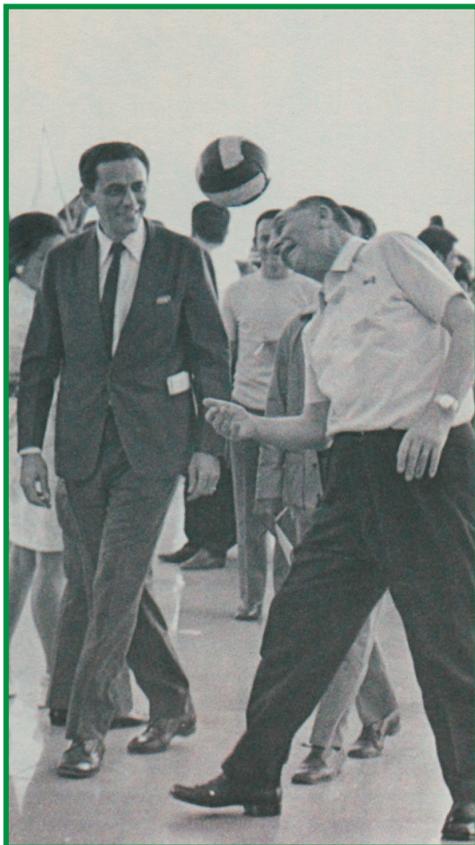
em duas partes distintas, foi muito feliz. Na primeira cuida da história do futebol e deu a ela o título oportuno de “Futebol, Micro-História do Mundo Contemporâneo”; na segunda cuidou das metáforas e por isso a denominou “Futebol, Metáfora do Mundo Contemporâneo”.

Já no prefácio o autor vai introduzindo o leitor naquilo que usou como estratégia para conduzir cada um e todos nós pelo caminho escolhido por ele. Diz Hilário:

“O fato de este livro estar dividido em duas partes não é opção meramente formal. A primeira parte, por ser História, deve ter seus capítulos lidos preferencialmente na seqüência. A segunda, por ser temática, permite maior liberdade, não tem ordenamento fixo. Ela pede, contudo, leitura mais atenta por dois motivos. Um, o fato de fatiar o futebol (ou qualquer outro objeto de estudo) em aspectos sociológicos, antropológicos, religiosos, psicológicos e lingüísticos é mera imposição de análise. Tais capítulos estão estreitamente interligados, são olhares diferentes, porém complementares sobre nosso assunto, daí a presença de algumas aparentes repetições, na verdade enfoques distintos sobre um mesmo evento ou personagem. Outro motivo é que cada um daqueles olhares exige óculos próprios, conceitos específicos que não poderiam ser dispensados, embora tenhamos tentado simplificá-los bastante (em excesso mesmo, para os especialistas de cada uma daquelas áreas). Por fim, não custa ressaltar, as duas partes devem ser consideradas na sua profunda articulação, da qual decorre a proposta essencial deste livro: *o futebol como fenômeno cultural total*” (grifo meu).

Analisar esse fenômeno esportivo, que ultrapassou todos os limites e barreiras que podiam confiná-lo a um estádio ou estádios onde se pratica o futebol, é uma tarefa hercúlea. Hilário Franco Junior conseguiu realizá-la com competência. E o fez através e no bojo da própria história contemporânea. Conseguiu de forma convincente fazer comparações adequadas entre a Europa industrial e colonialista e o

Reprodução



O presidente
Médici com
João Saldanha



Time do Vasco de 1923

Brasil agrícola e mestiço. E, também, uma Europa dividida e integrada com um Brasil desigual e combinado.

Embora sua periodização date inicialmente dos meados do século XIX, sua introdução se incumbe de localizar o leitor na trajetória do seu objeto de estudo desde os tempos pré-históricos. E cuida também da geografia de sua prática, o que permite, a quem se interesse, acompanhar o jogo desde os seus primórdios até o seu formato atual, que, de fato, tem seu berço na Inglaterra. Mais precisamente, no ano de 1848 (o escolhido), quando a elite inglesa é a protagonista principal do processo de apropriação dessa nova modalidade esportiva. É então que o esporte começa a ganhar sua posição e, com certo grau de amadurecimento, vai se fixar, inicialmente, no território inglês, para, em seguida, atingir a Europa e, por fim, o mundo. Nesse percurso, o autor analisa a elite inglesa, mas não deixa de buscar tudo o que passa pelas reivindicações populares do final do século XIX. Avança, então, pelo século XX e estuda os aspectos amplos das exportações culturais e os equilíbrios que vão sendo tecidos, até 1937, quando encontra elementos essenciais para que se

entenda tanto os conflitos nacionais como os esportivos, num período que vai de 1938 a 1953. É um período, sem dúvida, fascinante. Basta pensar que 1938 é o ano da terceira Copa do Mundo, que 1953 é o ano da preparação para um novo torneio, depois da experiência brasileira de 1950, e em tudo o que significou para o mundo a Segunda Guerra Mundial e o pós-conflito internacional.

O professor Hilário consegue mostrar como se insere o futebol na sociedade e na cultura brasileiras entre os anos de 1895 e 1920. É o tempo em que o “jogo de bola” é introduzido oficialmente no Brasil (1894) e vige o regime oligárquico (até 1920). Justamente em 1920 é iniciada uma crise no poder e mudanças significativas são sentidas. Tempos de tenentismo, Semana de Arte Moderna, fundação do Partido Comunista. O futebol começa a sentir, também nesse momento, os ares de mudança com o questionamento do amadorismo e a grande excursão do Clube Atlético Paulistano pela Europa. Excursão não só vitoriosa mas que também serviu de exposição no exterior do “jeito” de jogar dos brasileiros. A consequência, na década seguinte, foi a mudança para o profissionalismo.

Também, a partir dos anos 30 do século XX, inicia-se a exportação de jogadores de futebol com destino à Europa. Desde 1920 as transformações vão acontecendo, e 1933 é o ano da virada, quando o jogador de bola passa a ser profissional. Registre-se que o regime getulista é que impera, e o futebol ganha as massas e convive com um regime democrático, mas populista. A partir de 1937 as coisas mudam no Brasil com o Estado Novo; já o mundo passou a sentir o peso do regime fascista, que apressaria o desencadear da chamada “grande guerra” (1939-45). E o Brasil também viveria o conflito. O futebol, em consequência, deixaria de ter seu campeonato mais importante, que só retornaria em 1950, já no “templo do futebol”, o Maracanã, onde o Brasil sentiria o peso de sua maior derrota e contra o Uruguai. A síndrome do Maracanã persiste, de certa forma, até hoje, quase 60 anos depois, e apesar de tantas conquistas. Isso faz a gente refletir como “o futebol é coisa séria”. Sempre acredito que os reveses e as derrotas ensinam mais que o sucesso e as vitórias e, por isso, costumo pensar que a derrota de 1950 para o Uruguai fez o Brasil crescer no campo esportivo e na própria maneira de encarar os desafios da história.

A longa dedicação de alguns esportistas e empresários brasileiros e o aparecimento de jogadores excepcionais e de dirigentes empenhados deram as condições para que a seleção brasileira trilhasse uma caminhada segura que a levaria aos sucessos de 1958 e 1962.

Quando Hilário Franco Junior fez a síntese do que chamou de “Europa dividida e integrada”, ele percorreu praticamente 50 anos da história do mundo. Isso porque ele buscou compreender os caminhos do capitalismo e do socialismo como modelos concorrentes (1954 e 1958) e avançou até a globalização econômica e esportiva, cujo início o vê em 1996. Para atingir essa *globalização* estudou aquilo que chama de os prolongamentos do fascismo e também o sucesso liberal, que situa entre 1974 e 1995.

Na comparação da Europa com o Brasil, o autor faz uma síntese do nosso país, nos tempos que começam em 1955 e vão até a difícil adaptação do Brasil ao modelo

liberal, iniciado, segundo ele, em 1987. Nesses tempos, vivemos um Brasil de grandes mudanças, com o futebol encontrando seu caminho de conquistas, com as vitórias sucessivas nas copas de 1958 e 1962. Vieram ainda os chamados “anos de chumbo”, que marcaram indelevelmente a sociedade brasileira, em todos os seus segmentos, e criaram numerosos conflitos internos, com a seleção de futebol no meio deles. Em 1966, em pleno vigor da ditadura militar, tínhamos o nosso grande fracasso e, depois, o ressurgir, com a incomparável figura de João Saldanha e “suas feras” e o primeiro sucesso de Zagalo como treinador. Apesar das interferências de alguns governantes e da insegurança inicial, o número considerável de grandes jogadores com personalidades marcantes e incontestes fez da seleção brasileira um time imbatível. O sucesso aconteceu no México, em 1970. A partir daí, com o tricampeonato e a posse definitiva da taça Jules Rimet, o mundo veria o Brasil de forma distinta. Como 1950 (o ano da grande derrota), 1970 (o da conquista do tricampeonato) foi um grande divisor de águas não só para o futebol brasileiro, mas também para todos os brasileiros, mesmo aqueles que tentam se convencer de que não admiram o futebol.

Por que afirmo que 1970 é um profundo divisor de águas? Por tudo o que a seleção conseguiu. Com seus craques, ela “driblou” até a ditadura. E, apesar do formato militar de treinamento, com a introdução de muito preparo físico, a arte de jogar não foi sacrificada por esquemas táticos. E a televisão, com suas imagens ao vivo e a propaganda bem-feita incumbiu-se do resto. Como diz, e bem, o professor Hilário, à página 143:

“[...] A copa do Mundo de 1970 demarcou a história do futebol graças aos lançamentos de Gerson, aos chutes de Rivelino, à inteligência de Tostão, às arrancadas de Jairzinho, aos gols e quase gols de Pelé, ao ritmo ruidoso de um futebol elevado à categoria de arte, ainda que proveniente de um país rebaixado à condição de ditadura militar. Tudo difundido pela televisão em transmissão ao vivo (inclusive para o Brasil) e pela primeira vez em cores (mas ainda não para

o país campeão) fazendo com que, a partir de então, gestos, dribles, comemorações, feições e expressões de jogadores passassem a ser espetáculo mundial imortalizado, reproduzido e idolatrado em escala nunca vista. Pelé foi definitivamente ungido como rei do futebol. Sua marca de mil gols – alcançada meses antes, em 19 de novembro de 1969 – tornou-se demonstração quantitativa de uma superioridade indispensável a toda sociedade tecnológica”.

Nunca se pode esquecer do “Pra Frente Brasil”, marchinha tocada sem parar em todas as rádios e TVs do país. E tantas outras expressões como “Ninguém segura este país”; “Ontem, hoje, sempre, Brasil”. E por aí fora. A marca Brasil e o verde-amarelo ou azul de nossas camisas passaram a ter um “significado ainda maior”. E desde então, apesar de muitas derrotas e da dificuldade de encontrar caminhos para tantas outras copas do mundo (o que aconteceria somente nos Estados Unidos), “o país do futebol” passou a ter uma visibilidade diferenciada e os brasileiros conseguiram acreditar mais nas nossas possibilidades.

É claro que o mundo mudou, a globalização precisa ser bem entendida e o “mundo das comunicações” vai fazer com que tudo seja visto de maneira diferente, em especial, o futebol. As transmissões simultâneas de tantos campeonatos regionais e a força dos patrocinadores de todas as equipes, no mundo todo, mudam a forma de encarar o fenômeno futebolístico. Todos os continentes têm campeonatos valorizados e retransmitidos para todo recanto onde haja um aparelho de televisão. E ainda mais neste início de século XXI, com o avanço da tecnologia e o barateamento dos aparelhos de grande porte. As telas grandes, com alta definição, são o novo “objeto de desejo” e, para uma grande maioria, “para ver os craques de futebol”. Tudo isso nos faz ver como essa obra tem um significado muito especial e marcante. Faz história contemporânea muito bem fundamentada e nos obriga a pensar.

Quando o autor traz até o leitor “O Futebol como Metáfora”, ele obriga cada um a

penetrar num outro plano de análise. Como ele mesmo lembra, embora essa parte do livro possa ser lida sem seqüência, é quando mais se faz necessária a atenção redobrada durante a leitura. É impossível, por isso mesmo, tomar tudo o que Hilário Franco Junior escreveu e fazer uma síntese da síntese, o que levaria, quem tentasse, a escrever um novo livro. Quem sabe fosse oportuno, simplesmente, enumerar e, talvez, reproduzir um pouco daquilo que o professor fez com muita propriedade quando se debruçou sobre a “metáfora religiosa”. Então encontramos reflexões de José Ortega y Gasset, que chegou a dizer que “a religião do século XX é o futebol”, ou de Eric Hobsbawm, que definiu o futebol como “religião laica da classe operária”. Ao lado do religioso, o bélico, quando fala de ataque decisivo ou batalha de campeões, ou de matador ou defensor violento, e por aí podemos somar muitas expressões que conduzem para uma ou outra direção.

Vale, ainda, emprestar mais um trecho do professor Hilário:

“Os jogadores são *ídolos*, a camisa e bandeira do clube, *manto sagrado*, os gols aparentemente ilógicos, *espíritos*, gestos religiosos (ortodoxos ou não) cercam todo ambiente futebolístico. As defesas incríveis são *milagrosas* e seus autores, *santos*. O Maracanã é *templo sagrado do futebol brasileiro*, o velho estádio do Barcelona (Les Corts) era chamado *catedral*, como hoje o *estádio da Luz*, do Benfica. Sintetiza tudo isso um cartaz exibido por um torcedor durante a Copa de 1994: ‘*USA learn! Soccer is religion*’ (‘Aprendam, Estados Unidos! Futebol é religião’).”

Isto é um aperitivo para que os leitores tenham apenas uma idéia de tudo o que está contido nas outras metáforas que preenchem cada capítulo da segunda parte dessa obra indispensável sobre o futebol. Para completar afirmo que esse é o livro que gostaria de ter escrito sobre essa minha paixão, que fez do Brasil, por muito tempo, “o país do futebol” e hoje transformou o mundo no “universo do futebol”. Afinal, vivemos todos nós neste mundo que é uma bola!